

APRESENTAÇÃO

DOSSIÊ RELIGIÃO E MUDANÇAS CLIMÁTICAS: INTERFACES ENTRE ESPIRITUALIDADE, ÉTICA E JUSTIÇA CLIMÁTICA

Afonso Murad

Anderson Antonio Pedroso

Cilene Victor da Silva

Kholoud al-Ajarma

Marcelo da Silva Carneiro

Os artigos que compõem esse dossiê, conquanto não sejam muitos, expressam as inquietações que perpassam a sociedade mundial na atualidade, e tornam imperiosa a posição da Academia, em suas diferentes áreas, a respeito do assunto. Isso porque nos fazem refletir de diferentes modos sobre os desafios que as mudanças climáticas nos impõem.

O artigo que abre o dossiê, “Crônica da Cúpula dos povos”, tem a liberdade de ser um espaço de depoimento muito especial. O prof. Afonso Murad apresenta, com a colaboração de Marcelo Carneiro, uma crônica analítica da Cúpula dos Povos realizada em Belém durante a COP 30, situando-a na trajetória histórica das cúpulas e fóruns socioambientais desde a Rio 92, com atenção especial aos documentos, sujeitos coletivos e disputas em torno da justiça climática. Nele, Murad apresenta os eixos estruturantes da Cúpula, suas estruturas simbólicas e como as organizações religiosas atuaram no evento. Dá especial destaque ao Tapiri ecumênico, espaço para articular a fé, política e justiça climática.

A seguir, Cilene Victor, apresenta o artigo “The Role of Faith Institutions in Promoting Peace and Climate Justice” [O papel das instituições religiosas na promoção da Paz e da Justiça Climática]. Nele, Cilene Victor discute o papel estratégico das instituições religiosas no enfrentamento dos desafios globais, especialmente na promoção da paz e da justiça climática. Ancoradas em referenciais morais e éticos, essas instituições demonstram elevada capacidade de mobilizar comunidades, influenciar o debate público e sustentar agendas de transformação estrutural. Importante ressaltar que a autora parte de experiências brasileiras para evidenciar como iniciativas de base religiosa fomentam diálogo, resiliência e ação coletiva frente às crises socioambientais, articulando ensinamentos espirituais com práticas concretas, que vão do incentivo ao desenvolvimento sustentável à defesa de políticas orientadas pela equidade.

O artigo “Liberdade ou Barbárie? A urgência de um pensamento ecossocialista na Teologia da Libertação”, de Laís Machado Ribeiro Luz e Enio de Lorena Stanzani, propõe um ensaio teórico que articula Teologia da Libertação, Ecossocialismo e materialismo histórico, defendendo uma mudança radical do sistema socioeconômico e da relação ser humano/natureza como condição para superar a barbárie e instaurar uma nova racionalidade ética, ecológica, espiritual e feminista. A partir de autores como Leonardo Boff, Guillermo Kerber, Michael Löwy, Françoise d’Eaubonne, Ivone Gebara e Vandana Shiva, o texto argumenta que a centralidade da ecologia, combinada com a perspectiva ecofeminista, é imprescindível para integrar justiça social, cuidado com a criação e reconhecimento efetivo das mulheres como agentes das transformações históricas.

Nadi Maria de Almeida, em seu artigo “Teologia pública, decolonização e pluralismo religioso: aportes para uma ética ecológica inclusiva”, analisa as interseções entre teologia pública, crítica decolonial e pluralismo religioso na construção de uma ética ecológica capaz de enfrentar a crise socioambiental contemporânea. Partindo da crítica às matrizes coloniais que estruturaram tanto o pensamento teológico quanto as práticas ambientais, o texto propõe o reconhecimento de saberes indígenas, afrodescendentes e espiritualidades marginalizadas como condição para uma conversão espiritual, epistemológica e política que religue fé, território e justiça socioambiental em chave inclusiva.

Dando voz aos povos originários no debate, o artigo “Espiritualidade amazônica dos Paiter-Suruí e justiça climática: interfaces entre religião, ética e natureza”, de

Douglas Aparecido Bueno e Maribgasotor Suruí, investiga como a espiritualidade do povo Paiter-Suruí, na Amazônia, constitui um horizonte epistemológico, ético e político para o enfrentamento da crise climática. Com base em pesquisa bibliográfica e análise crítico-interpretativa, o estudo evidencia que as práticas espirituais e o manejo tradicional da floresta integram cosmologia, resistência política e cuidado recíproco entre humanos e natureza, oferecendo um paradigma alternativo às abordagens hegemônicas de sustentabilidade e ampliando a noção de justiça climática.

O artigo “Dominar ou cuidar? Perspectivas decoloniais para uma ética ambiental ecoteológica emancipatória em dialogicidade com a educação transformadora”, de Vinícius Couto e Wellington Aires da Cruz Pereira, realiza uma análise semântica e hermenêutica do verbete hebraico וְיִרְאֶה (wəyirdū) em Gênesis 1,26 e 28, questionando a tradução usual por “dominar” e propondo uma releitura orientada pelo sentido de “cuidar”. A partir dessa reinterpretação bíblica, o artigo delineia caminhos para uma educação ecoteológica decolonial e transformadora, crítica ao domínio neoliberal da natureza e às leituras escapistas da criação, visando promover uma ética ambiental que desloque a cristandade de uma lógica de uso irrestrito para uma prática de cuidado integral com o planeta.

Fechando o dossiê, o artigo “Somos uma só criação divina: Romanos 1,18-23 em chave ecoteológica”, de Júlio Paulo Tavares Mantovani Zabatiero e Glauci Mantovani, propõe uma leitura ecoteológica de Romanos 1,18-23, com o objetivo de fundamentar uma ecoteologia bíblica a partir de uma perspectiva decolonial e libertadora. Interpreta o parágrafo como um diagnóstico paulino de estruturas de dominação que aprisionam a verdade pela injustiça e despreconhecem a criação – e o próprio ser humano enquanto parte dela – como obra divina, o que permite repensar pecado e salvação em chave ecológica, crítica e emancipatória.